

Em memória de Ciro Flamarion Santana Cardoso (1942-2013) – um historiador presente

FÁBIO AFONSO FRIZZO DE MORAES LIMA e
MÁRIO JORGE DA MOTTA BASTOS*

Ciro Flamarion Santana Cardoso podia ser definido a partir de uma unidade complexa e contraditória formada pelo professor e pelo pesquisador, mas ele sempre fez questão de afirmar o magistério como sua função primeira e essencial, condição reconhecida por seus alunos testemunhas de seu empenho e seriedade na preparação e execução de suas aulas.

Sua atuação docente teve início, de forma efetiva, nos anos em que esteve radicado na América Central (entre 1971 e 1976), onde atuou como professor de História na Universidade de Costa Rica e como pesquisador do Programa Centro-americano de Ciências Sociais do Conselho Superior Universitário Centro-americano. Lecionando, já naquela oportunidade, nas áreas nas quais viria a se concentrar a sua produção historiográfica – a de História da América, a de Teoria e Metodologia da História e, por fim, a de História Antiga –, sua vasta produção bibliográfica seria pontuada por diversos trabalhos que cristalizaram pesquisas originadas na atividade docente, iniciada na Universidade Federal Fluminense no ano de 1979 e consagrada, por exemplo, na obra *Narrativa, Sentido, História*, publicada em 1997.

Ciro Cardoso costumava afirmar que não era “monotemático”. Outra característica autorrequisitada era a sua verve polêmica. Da convergência de ambas as tendências, decorreu uma produção acadêmica efetiva e significativa, uma atividade intelectual frutífera e fadada a amplos desdobramentos na medida em que

* Respectivamente, pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: velhomario@gmail.com

o autor concedeu, a cada objeto e tema tratado, sua marca particular decorrente da profundidade de sua reflexão, da erudição e da visão crítica renovadora que marcaram as suas intervenções. Foram marcantes, em sua carreira, os embates em prol do paradigma integrado pelo marxismo e pelos *Annales*, em oposição, inicialmente, ao positivismo e historicismo acadêmicos ainda hegemônicos na América Latina em plena década de 1970 – objetivo fundamental da obra escrita com Héctor Perez Brignoli, *Los Métodos de la Historia* (1976) –, e, algumas décadas mais tarde, às tendências pós-modernas, com a assim chamada Nova História Cultural e com o “pensamento único” neoliberal e neoconservador (como manifesto na sua introdução à obra organizada com Ronaldo Vainfas – *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia* – publicada em 1997). Não foram menores, também, seus embates internos ao paradigma contra certas modalidades de pensamento que, segundo Ciro Cardoso, pretendiam-se marxistas, mas seriam profundamente reacionárias.

Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (que cursou entre os anos de 1963 e 1965), Ciro Cardoso realizou o seu doutorado na Universidade de Paris X (Nanterre) entre os anos de 1967 e 1971, defendendo tese que viria a ser publicada apenas em 1999, intitulada *La Guyane française (1715-1817). Aspects économiques et sociaux. Contribution à l'étude des sociétés esclavagistes d'Amérique* (Petit-Bourg/Guadeloupe, Ibis Rouge Editions, 1999). Seria ela o móvel primário da sua participação no debate sobre os modos de produção vigentes na América Latina colonial, a partir da difusão dos seus dois capítulos teóricos, baseados numa perspectiva de História Comparada. Marxista declarado, leitor assíduo dos textos clássicos de Marx e Engels, sua tese expressa ainda as influências exercidas pela segunda geração da denominada Escola dos *Annales*, então liderada por Fernand Braudel.

Quanto à perspectiva essencial assumida em sua tese, tratava-se de romper com uma tendência então corrente, a de abordar as sociedades coloniais americanas como espécies de “apêndices” da Europa, para lhes atribuir estruturas de classes e lógicas próprias, específicas. Dedicando-se ao “caso”, pouco conhecido, da colonização da Guiana Francesa, concentrou-se principalmente na questão do tráfico e na da implantação do sistema escravista na região. Seu trabalho enfatizou as vantagens da história comparativa para o estudo do escravismo colonial, consistindo numa importante e inovadora contribuição à teoria marxista da colonização europeia das Américas ao formular o conceito de modo de produção colonial.

Ciro Cardoso, antes de mais, estabeleceu o enquadramento mais geral do tema, configurando o que considerou representarem os três principais fatores históricos que condicionaram o processo genético-estrutural das sociedades americanas: o fato colonial, a conquista e a inserção massiva de contingentes negros reduzidos à escravidão, o que constituiu um fenômeno novo e único na história dado o seu volume e perenidade. Considerada a diversidade das formações coloniais, referiu-se à constituição de pelo menos dois modos de produção coloniais específicos.

Assim, haveria o caso típico representado pelas estruturas coloniais estabelecidas na Indo-América – que englobava o México, o Peru e algumas áreas da América Central –, em que a numerosa população indígena teria favorecido a estruturação de um modo de produção baseado em relações de trabalho servil dos indígenas, sobrepondo-se à lógica mercantil da exploração colonial aos sistemas de corveia preexistentes nos impérios conquistados pelos espanhóis.

Já nas regiões caracterizadas por rarefeita população indígena e/ou por estruturas indígenas marcadas pela produção de subsistência, a organização da produção teria se assentado, inicialmente, na desarticulação das formas tribais e escravização de indígenas, cujo genocídio deu ensejo ao tráfico e à escravidão africana, gerando sociedades tipicamente escravistas. Deste caso seriam exemplos coloniais o Brasil, à exceção de suas regiões periféricas, as Antilhas açucareiras, algumas franjas da América espanhola continental, regiões integrantes da chamada Afro-América. As colônias meridionais da América do Norte inglesa incluir-se-iam no exemplo em questão, constituindo, contudo, um caso particular dada, por exemplo, a não ocorrência ali da escravidão indígena.

Seria, ainda, a orientação primária de sua abordagem das sociedades coloniais – a de configurá-las como sociedades plenas e não como anexos de sociedades forâneas (ou, no caso das sociedades escravistas, na visão de certos autores, como verdadeiros campos de concentração em que os escravos eram enxergados como vítimas inermes de um sistema opressivo) – que levou Ciro Cardoso à polêmica relativa à “brecha camponesa” no sistema escravista, tema até então considerado apenas em relação ao Caribe e ao Sul dos Estados Unidos.

Ainda que já se dedicasse predominantemente, desde 1988, à História Antiga, suas pesquisas sobre a escravidão moderna e sobre a economia e a sociedade das Américas nos séculos XVI a XIX seguiram influenciando o meio acadêmico até o ano de 1992, quando passou a se dedicar quase que integralmente à sua primeira área de interesse. Dentre suas principais contribuições aos estudos e debates relacionados às sociedades antigas, destacamos três grandes eixos: 1) a afirmação da importância do uso de modelos na História Antiga; 2) o embate contra as visões modernizantes das economias pré-capitalistas; e 3) a defesa do marxismo como ferramenta de análise e, em especial, a inserção na renovação do debate acerca do Modo de Produção Asiático.

Avesso ao tradicionalismo metodológico que, como já destacara Moses Finley, exercia uma enorme influência entre os antiquistas, Ciro Cardoso opôs-se ao excesso de empirismo e à carência de debates teóricos de que padecia a área de estudos em questão. Trabalhou sempre no sentido de se opor seja a uma vertente empirista e narrativa ligada à história tradicional herdeira do século XIX, seja à vertente influenciada pela “virada linguística” pós-moderna.

Consciente da necessidade de uma sólida formação dos especialistas nas línguas originais em que foram redigidas as fontes relativas às sociedades pré-capitalistas, tal premissa nunca o levou a condenar a aplicação de categorias

e referenciais teóricos modernos aos estudos de tais sociedades. Contrário aos clamores por uma subserviência do historiador ao vocabulário e às lógicas de apreensão do mundo presentes nas fontes, Cardoso foi fiel à sua orientação marxista e *annaliste*. Nesse sentido, respeitou os anseios marxianos de que a história de um período não pode compartilhar das ilusões dessa época sobre ela mesma. Outrossim, seguiu a afirmação de Marc Bloch de que aquele que “não tiver forças pra poupar seu cérebro do vírus do momento, será capaz de destilar suas toxinas até num comentário sobre a *Ilíada*”, refutando aqueles que creem que a aplicação de categorias modernas à análise de sociedades pré-capitalistas constitui uma espécie de anacronismo.

Os embates por uma História científica, calcada no método hipotético-dedutivo e em hipóteses francamente baseadas na construção e utilização de modelos teórico-empíricos foram, portanto, pontos marcantes na carreira de Ciro Cardoso. Dessa forma, sempre afirmou a validade de categorias como classe social para o estudo das sociedades pré-capitalistas, sem, contudo, se render a mecanicismos de qualquer tipo. O segundo eixo que gostaríamos de destacar remete ao esforço contrário a uma naturalização da lógica econômica capitalista como expressão da natureza humana, ou seja, à projeção das regras econômicas determinadas pelo capital para a Antiguidade. Ciro Cardoso sempre esteve consciente do corte drástico que o capitalismo instituiu na vida dos seres humanos, modificando qualitativamente nossas formas de reprodução e sociabilidade. Por conta disso, posicionou-se resolutamente na luta contra a chamada corrente formalista da economia antiga, que vê, anistoricamente, o comportamento natural do ser humano como uma grande disputa racional por meios escassos relacionados a determinada finalidade. Em outras palavras, o formalismo transforma qualquer civilização humana em uma sociedade determinada pela lógica do mercado e da produção de valor.

Por outro lado, Ciro Cardoso também não se satisfazia com a posição primitivista, que afirmava que a distinção entre as economias modernas e antigas era de grau, sendo a segunda uma versão menos desenvolvida da primeira. Em seus trabalhos, sempre lembrou que havia uma diferença de *natureza* entre elas, decorrente de fatores diversos, três dos quais abordados em um de seus últimos artigos sobre o tema intitulado “Existiu uma Economia Romana?” (2011): 1) as formas políticas e econômicas pré-capitalistas eram desenvolvimentos locais, diferente da unificação proporcionada pela expansão do capital; 2) a reprodução dos sistemas pré-capitalistas dependia invariavelmente de mecanismos extraeconômicos; 3) as condições vigentes no mundo pré-moderno impossibilitavam, a não ser muito limitadamente, o surgimento de um mercado de bens e de força de trabalho.

A única maneira de entender a lógica das economias antigas seria, portanto, partir retrospectivamente das oposições em relação ao capitalismo, conforme a consagrada fórmula de Marx de que “a anatomia do homem é uma chave para a anatomia do macaco”.

O aprofundamento teórico, relacionado à aplicação e comprovação de modelos, leva-nos ao terceiro eixo do trabalho de Ciro Cardoso no relativo às sociedades pré-capitalistas: a defesa do marxismo como ferramenta de análise, exemplificada no debate acerca do Modo de Produção Asiático. Em artigo publicado em 2011, intitulado “Marx e Engels: história e economia política. Aspectos gerais e considerações sobre um tema específico relativo à Antiguidade clássica: a circulação de mercadorias”, o autor trabalhou diretamente com concepções sobre a Antiguidade a partir dos grandes nomes do marxismo, baseando-se em obras como os *Grundrisse*, *O capital*, *A ideologia alemã*, *Os manuscritos econômico-filosóficos*, *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, *O dezoito brumário de Luís Bonaparte*, em cartas de Engels e Marx e nos *Cadernos do cárcere* de Gramsci. Buscou fazer uma discussão acerca da presença da produção de mercadorias como elemento secundário no pré-capitalismo, marcado por momentos econômicos diversos nos quais predominou sempre a produção de valor de uso. Ciro Cardoso procurou demonstrar que a existência de um capital comercial nas sociedades antigas se dava apenas nos seus interstícios, entre os extremos da produção e do consumo, sem nunca determinar seus pressupostos. A existência de mercadores e de produção de bens para o mercado não implicava, assim, o domínio do valor e a aplicação produtiva do capital.

A grande contribuição de Ciro Cardoso à construção de modelos marxistas para o pré-capitalismo se deu no campo das discussões sobre o conceito de Modo de Produção Asiático, ao qual dedicou a organização de um livro homônimo (1990). A partir de uma análise largamente baseada em fontes documentais relativas ao seu objeto primário de pesquisa nas últimas décadas de sua vida – a Egiptologia –, Cardoso pôs à prova os pressupostos marxianos relativos às ditas formas asiáticas. Para tanto, recuperou todo o debate sobre Modo de Produção Asiático, desde os elementos que fundamentaram as ideias de Marx e Engels a respeito, passando pela vulgata escravista impulsionada pelo stalinismo e desembocando nos autores que recuperaram o conceito a partir da década de 1970, calcados em estudos empíricos relativos às sociedades do Antigo Oriente Próximo.

Nosso autor defendeu a tese de que, durante boa parte da história faraônica, a produção estava baseada de fato em aldeias autossuficientes às quais se sobrepunha uma estrutura estatal palacial-templária controlada pela classe dominante. Havia, em outras palavras, dois modos de produção distintos sobrepostos: um aldeão, fruto da economia neolítica, e outro palatino, derivado da revolução urbana. Ao contrário do que concebera Marx, todavia, essas aldeias camponesas não eram igualitárias, existindo nelas diversos traços de hierarquia social, vindo, ademais, a partir de determinado período, a propriedade comunal a dar lugar ao arrendamento familiar de lotes de terra e ao surgimento de uma propriedade privada que se opunha à concepção marxiana, derivada do conceito de despotismo oriental, segundo o qual o faraó seria o proprietário de todas as terras.

À guisa de conclusão, poderíamos afirmar que, se *Ciro Cardoso* foi importante para a afirmação da pesquisa histórica moderna no Brasil, para o estudo do pré-capitalismo ele foi fundamental. Dedicou-se à aplicação não dogmática do marxismo sem nunca abandoná-lo como matriz explicativa, apontando sempre seu trabalho contra as perspectivas mais reacionárias do campo histórico. Creio que o maior – e mais sincero! – elogio que se pode fazer ao seu trabalho e à sua memória é a afirmação clara e ampla de que foi sempre um intelectual combativo, preocupado com o mundo presente, independentemente do campo a partir do qual a sua vasta obra venha a ser observada.

LIMA, Fábio Afonso Frizzo de Moraes; BASTOS, Mário Jorge da Motta. Em memória de
Ciro Flamarion Santana Cardoso (1942-2013) – um historiador presente. *Crítica Marxista*,
São Paulo, Ed. Unesp, n.38, 2014, p.189-194.

Palavras-chave: Memória; Ciro Cardoso.